

/artigos

Se dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço: Inteligência Artificial e tecno-extermínio

Gabriel Henrique Stefanski

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0009-0003-2652-6051>

gabrielstfk@hotmail.com

Resumo: Este artigo aborda de que maneira a Inteligência Artificial (IA), em países como Israel, Brasil e Estados Unidos pode ser utilizada para classificar pessoas – palestinos, no caso israelense, e pessoas negras, para Brasil e EUA – como alvos a serem encarcerados ou exterminados. Tem-se como fundamento a desumanização e dessensibilização que o uso excessivo de *softwares* que operam através de IA promovem o controle dos corpos. O estudo será a partir de análises históricas e casos recentes ocorridos nos territórios dos três países. Já o embasamento teórico terá as principais constatações de Franco “Bifo” Berardi, Tarcízio Silva, Jean Baudrillard e Vladimir Safatle.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Israel. Palestina. Brasil. Extermínio.

Abstract: This article explores how Artificial Intelligence (AI) can be used in countries such as Israel, Brazil, and the United States to profile and classify certain populations –Palestinians in the Israeli context, and Black individuals in the Brazilian and American contexts – as targets for incarceration or extermination. It is based on the dehumanization and desensitization promoted by the excessive use of AI-powered software in the control of bodies. The analysis draws on both historical context and recent case studies from these regions. The theoretical framework is informed by the works of Franco 'Bifo' Berardi, Tarcízio Silva, Jean Baudrillard, and Vladimir Safatle.

Keywords: Artificial Intelligence. Israel. Palestine. Brazil. Extermination.

Introdução

“Unsightly slums gone up in a
 flashing light
 Jobless millions whisked away
 At last we have more room to play
 All systems go to kill the poor
 tonight”

(DEAD KENNEDYS, 1979)

As evoluções e complexificações do capitalismo estão relacionadas diretamente aos avanços tecnológicos, os quais se consolidam progressivamente como alicerces da manutenção desse sistema. Desde o final do século XX, o campo da tecnologia contou com o desenvolvimento e disseminação de *softwares* que operam utilizando Inteligência Artificial (IA).

Segundo o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil, por meio do documento “*IA para o Bem de Todos: Proposta de Plano de Inteligência Artificial 2024-2028*” (2024), define-se por Inteligência Artificial “como sistemas que produzem resultados a partir de um grande volume de dados, permitindo um processo de aprendizagem, que realiza previsões, classificações, recomendações ou gera decisões que possam influenciar ambientes físicos e virtuais” (BRASIL, 2024, p. 6). O documento, que estabelece metas e horizontes para a disseminação da IA no Brasil, define-a como um mecanismo que opera segundo dados e considerações previamente estabelecidas, ou seja, estipuladas por pessoas, as quais também trabalham a partir de dados, que, por sua vez, podem ser reproduções de violências historicamente estabelecidas.

O Ministério da Inovação, Ciência e Tecnologia de Israel – país que, assim como o Brasil, será abordado neste artigo – também traz considerações sobre a IA através do documento datado de 2023 “*Israel’s Policy On Artificial Intelligence: Regulations and Ethics*” (2023). Dentre as constatações, cita-se os desafios que seriam enfrentados pela disseminação da Inteligência Artificial no país e no mundo. Segundo o

documento, “esses desafios incluem o risco de preconceito e discriminação, falta de transparência e supervisão humana, possíveis danos à privacidade, a vulnerabilidade dos sistemas de IA, a segurança e considerações sobre a propriedade intelectual” (ISRAEL, 2023, p. 2, *tradução nossa*). Esse documento oficial traz questionamentos e direcionamentos éticos sobre a utilização da Inteligência Artificial, de maneira que se busque o melhor avanço possível da tecnologia no país. A “preocupação” ética do governo israelense considera os eventuais vieses que os dados utilizados pela IA possam carregar e “herdar” dos seres humanos, assim, vê-se a necessidade de normas e precauções presentes no documento.

A partir dessas informações, este artigo apresenta de que maneira ambos os Estados, Brasil e Israel, utilizaram da Inteligência Artificial para digitalizar suas formas de segregação e, no caso israelense, extermínio. Conta-se com relatos reais sobre o conflito entre Israel e o grupo paramilitar palestino Hamas – embate que se torna o argumento utilizado por Israel para concretizar seu extermínio – e como o país utiliza a IA para classificar e assassinar cidadãos palestinos. Além disso, comenta-se a utilização histórica do reconhecimento facial – e corporal – de pessoas negras brasileiras e estadunidenses para controlar e encarcerar seus corpos. O artigo abordará os autores Franco “Bifo” Berardi, Achille Mbembe, Tarcízio Silva, Michel Foucault, Jean Baudrillard, Alan Cholodenko e Vladimir Safatle, assim como casos noticiados que se relacionem e a interpretação dos conceitos aqui tratados seja possível.

Tecnocolonialismo: a inteligência artificial e o extermínio em gaza

No dia 7 de outubro de 2023, o Hamas promoveu um ataque surpresa contra Israel, o maior sofrido em sua história. Foguetes, paramotores, carros, lanchas, escavadeiras: a organização palestina não poupou esforços técnicos em sua ofensiva, o fogo veio por ar, água e terra. Como resultado, cerca de 1200 baixas israelenses, sendo a maioria civis. Logo após a ação do Hamas, o alto escalão político israelense deixou claro: a resposta não seria equivalente, mas com forças significativamente

maiores. Apesar da magnitude histórica, o exército de Israel neutralizou a organização palestina dois dias depois, no dia 9 do mesmo mês. Desde então, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu concentrou todos os esforços bélicos do país em sua obsessão em aniquilar o Hamas. O plano de Netanyahu, entretanto, parece não ser tão somente o fim da organização, como também de todo o povo palestino (WE'RE..., 2023). Em 16 de dezembro de 2024, o Ministério da Saúde de Gaza divulgou um balanço com mais de 45 mil mortes palestinas, dentre as quais, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 70% eram mulheres e crianças, logo, não necessariamente membros da organização que promoveu os ataques – enquanto o governo de Israel alega que 17 mil mortos em Gaza eram “militantes terroristas” (GLOBO, 2024).

O extermínio contra a Palestina justifica-se pelo anseio em erradicar o Hamas e demais grupos terroristas, considerados uma ameaça para o bem-estar de Israel e de sua expansão neocolonial. Para a sua epopeia militar, as Forças de Defesa de Israel (FDI) contam com uma tecnologia de ponta, inclusive com ferramentas de Inteligência Artificial. Sobre esse método, vale destacar o uso de três *softwares*: “*Lavender*”, responsável por realizar o reconhecimento facial de potenciais terroristas (ABRAHAM, 2024); “*Where’s daddy?*”, que rastreia os possíveis alvos do FDI (ROMMEN, 2024), e “*Habsora*” (ou “*The Gospel*”), encarregado de mapear edifícios, casas e outras construções consideradas possíveis esconderijos ou bases que, eventualmente, abriguem militantes inimigos de Israel (ABRAHAM, 2023). Tais tecnologias permitiram que a FDI maximizasse suas operações militares e seu poder de destruição. Como disse Daniel Hagari, porta-voz da FDI, “o foco está nos danos, não na precisão” (WE'RE..., 2023).

Em investigação feita pelos jornais israelenses +972 Magazine e Local Call, o uso dos *softwares* contribuiu com o extermínio sem precedentes contra Gaza. Segundo o que uma fonte anônima relatou à investigação, o início da resposta israelense foi marcado pelo uso contínuo das tecnologias. As decisões humanas para os bombardeios através das avaliações do *Lavender* demoravam, em média, vinte

segundos, ainda que a possibilidade de erros durante o reconhecimento facial, como marcar indivíduos sem conexão com militantes, seja conhecida (ABRAHAM, 2024). Para o programa, bastava que determinada pessoa correspondesse às características necessárias para, então, ser marcada como alvo para assassinato. Segundo os relatos ao +972 Magazine e ao Local Call, o *Lavender*, por vezes, sinalizava como membros do Hamas indivíduos que reproduziam certos padrões linguísticos e estéticos similares àqueles dos militantes, sendo policiais, trabalhadores da defesa civil, familiares de militantes e palestinos que possuíam coincidências com membros da organização, como apelido ou nome em comum, mas que não eram necessariamente membros da militância que promoveu o ataque contra Israel (ABRAHAM, 2024). Entre outubro de 2023 e abril de 2024, o *Lavender* marcou como potenciais alvos humanos cerca de 37 mil pessoas. Para matá-las, bastava a única tarefa de discernimento puramente humana: concluir se tratava-se ou não de um homem. Caso a ferramenta estivesse em escassez dos dados de reconhecimento facial, bastava o rastreamento de outro *software*, o *Where's Daddy?* (ABRAHAM, 2024). Combinava-se, portanto, o reconhecimento físico que o *Lavender* fazia e o serviço de localização desses alvos do *Where's Daddy?* quando o assunto era a marcação de indivíduos.

A Inteligência Artificial operada pela FDI logo permitiu a Israel massificar seus alvos, sem precisar necessariamente avaliar seus corpos, mas sim a construção em que se localizavam. Assim opera o *Habsora*. Por ter como objetivo identificar e atacar bases possivelmente nocivas a Israel, o *Habsora* permitiu uma ofensiva em larga escala. Em vez de reconhecer faces e rastrear individualmente, o ataque a construções permite que todos aqueles que estiverem dentro e ao redor sejam atingidos. Logo o *software* não se limitou a postos do Hamas, como a residências particulares e civis de palestinos. Segundo o que outra fonte relatou ao +972 Magazine e ao Local Call, a economia de tempo foi priorizada em detrimento da precisão. Ao retomar o que disse o porta-voz da FDI, Daniel Harig, o uso da inteligência artificial esclarece a logística militar israelense, a falta de precisão dos ataques é compensada com um dano maximizado a uma área mais ampla. O “alvo

tático” é, inegavelmente, os agentes do Hamas; entretanto, assassinar civis palestinos não é inaceitável pela lógica das FDI – na verdade, é considerada uma estratégia válida. Como resultado, segundo dados da ONU, até novembro de 2023, mais de 300 famílias de Gaza perderam 10 ou mais membros devido a ataques israelenses; em comparação, durante uma ofensiva de 2014 contra o território palestino, os dados registraram esse número de perdas para 20 famílias. Israel alegou legitimidade em seus ataques, dado que haveriam, nessas construções destruídas, ao menos um alvo membro das organizações inimigas (ABRAHAM, 2023). Foi dessa maneira que bairros inteiros de Gaza foram devastados e prédios postos abaixo, sobretudo residenciais em campos de refugiados.

O uso da Inteligência Artificial por parte de Israel foi um dos objetos de análise do filósofo italiano Franco “Bifo” Berardi, em sua coletânea de ensaios *Pensar após Gaza: Ensaio sobre a ferocidade e o fim do humano* (2025). Crítico à ferocidade e ao colonialismo israelense, Bifo parte do significado do termo “inteligência”. Segundo ele, “a palavra *inteligência* denota, neste caso, a capacidade de executar uma tarefa, sem avaliar e decidir a respeito de sua utilidade social, de sua licitude ética e assim por diante, sem necessidade de sentir emoções de qualquer tipo” (BERARDI, 2025, p. 151). Bifo explora como o uso da Inteligência Artificial em função do extermínio humano da Palestina é uma tarefa sem sensibilidade com o outro, visto que quem, de fato, determina o que e *quem* é exterminado é o *software*.

Achille Mbembe, em *Necropolítica* (2018), publicado pela primeira vez em 2003, já denunciava as tecnologias do extermínio utilizadas por Israel, ainda sem contar com os *softwares* usados nos últimos anos. Segundo Mbembe (2018, p. 47), “matar se torna um assunto de alta precisão”. Em Israel, a concepção do que é “precisão” é relativa: suas máquinas são imprecisas para se limitar a assassinar membros do Hamas, mas extremamente precisas se a necessidade for matar todo e qualquer palestino. O FDI faz com que seja preciso por tornar o assassinato cada vez mais inumano, insensível, sem desejo ou emoção. Parar Berardi (2025, p. 152): “os humanos, portanto, são o gargalo, ou seja, o elemento de incerteza e lentidão. Por

mais impiedosos e fanáticos que sejam, os humanos ainda são máquinas indeterminísticas: emotividade, incerteza e cansaço podem limitar sua competência homicida”. Enquanto os impasses de um ser humano diante de outro pronto a aniquilá-lo são inúmeros – como menciona Berardi –, a Inteligência Artificial desses *softwares* lida exclusivamente com sua própria lógica, sua linguagem, o seu algoritmo. Berardi (2025, p. 157) prossegue: “o mundo físico e os corpos eróticos desaparecem no fundo sem relevância e intensidade, enquanto o espaço do real – a comunicação, a economia e a guerra – é cada vez mais ocupado por fluxos de emanção numérica”. Em Gaza, esses “fluxos de emanção numérica” ocupam o espaço do real quando exterminam os corpos palestinos: são algorítmicos que se corporificam no cadáver e, estando no real, no mundo físico, se dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, que este lugar, estas longitudes, ocupem-se com cadáveres.

Mesmas cores, mesmas faces: tecnologias de reconhecimento facial

A utilização de tecnologias a serviço do controle dos corpos e do extermínio não é um fenômeno exclusivo de Israel em Gaza, tampouco é uma prática recente. No livro *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais* (2022), Tarcízio Silva expõe como a negritude brasileira é inserida no controle biopolítico e de que maneira foram criadas tecnologias para identificação de seus corpos, para além do controle biológico. Segundo o autor, o início dessas práticas remonta ao início da escravatura no Brasil. Um dos exemplos de “metodologia de reconhecimento” do negro como escravizado foi a marcação a ferro. Segundo Silva (2022, p. 106-107):

Compartilhada em diferentes escalas por escravistas ingleses, holandeses, espanhóis e portugueses, a marcação a ferro foi adotada em grande escala, e não só como instrumento de tortura e subjugação dos escravizados: também foi usada para gestão comercial e internacional dos corpos – algumas marcas distinguiam, antes da marcação individual, qual nação imperial sequestrara os escravizados – e classificação de indivíduos aptos à exploração. A marcação era usada, ainda, para imposição de um caráter extra de marginalização, como no caso da marcação de letras como F de “fugido” no Brasil.

A marcação a ferro, além de provocar dor, revela que *aquele corpo pertence a alguém* e está escravizado. Não bastava o cerceamento de sua liberdade e força, o escravista buscava monopolizar a produção de subjetividades do escravizado: seu corpo torna-se objeto e propriedade de um outro; ele não é nada senão um escravizado. O autor também descreve outra forma de identificação do indivíduo como escravizado, transitar portando lanternas:

O uso obrigatório de lanternas por escravizados que precisavam se movimentar pela cidade sem levantar suspeitas adicionais foi registrado por historiadores estadunidenses e brasileiros. A prática foi usada aqui por escravistas analfabetos quando não conseguiam escrever os bilhetes necessários – com nome da pessoa escravizada, nome do “proprietário” e tarefa em andamento – a seus escravizados em movimentação citadina depois do toque de recolher. (SILVA, 2022, p. 107)

Dessa maneira, o rastreamento e reconhecimento dos corpos que se deseja controlar prova-se como uma estratégia já adotada pelos Estados racistas. Não se limitava, pois, a um simples olhar que classificasse o sujeito livre daquele que é escravizado; as técnicas buscavam explicitar seu sistema de informações sobre os corpos. Não bastava seu caráter de escravizado, era ainda necessário identificar sua “origem” e o histórico daquele indivíduo enquanto subjugado a um escravista – afinal, seu “nascimento”, para o racista, aconteceria a partir de sua escravização. Ainda que anoitecesse, o espaço que seu corpo ocupa e sua movimentação deveria estar visível para o escravista. Embora a tecnologia tenha progressivamente avançado, as observações feitas por Tarcízio Silva provam que não foi necessário chegar à era das câmeras digitais para ter domínio e vigilância sob os corpos negros. Era necessário o mínimo de recursos e então os corpos negros perdiam seu estatuto de sujeito diante do branco para se tornar um objeto utilizável e exterminável.

Na contemporaneidade, o reconhecimento facial por meio de Inteligência Artificial é amplamente utilizado no Brasil pelo Estado e, sobretudo, pelos sistemas de segurança, e, assim como em Israel, promove resultados muitas vezes pouco confiáveis. Silva observa como os *softwares* que utilizam IA para auxiliar no aparato policial são mais uma ferramenta de suporte das superestruturas do racismo. Em um

caso ocorrido em Detroit, nos Estados Unidos, no mês de janeiro de 2020, Robert Williams, homem negro de 42 anos, foi preso por engano, acusado de assaltar uma relojoaria. Na delegacia, Williams comparou sua foto com a imagem do verdadeiro assaltante e pouco se assemelhavam. Entretanto, os policiais se recusaram a crer nas alegações de Williams, afinal, o sistema de reconhecimento facial havia o identificado como o assaltante, portanto, deram a credibilidade ao computador. Como resultado, Williams ficou preso 30 horas injustamente e teve que pagar fiança.

No Brasil, Silva cita a ampliação da Inteligência Artificial pelo estado de São Paulo. Em 2020, o governo do estado inaugurou o “Laboratório de Identificação Biométrica”, responsável por gerir dados biométricos e de reconhecimento facial. O então governador de São Paulo, João Dória, comemorou os avanços tecnológicos, que “localizariam o bandido antes de cometer o crime”.

No final do ano de 2024, na capital do mesmo estado, o sistema de reconhecimento facial da Prefeitura de São Paulo, *Smart Sampa*, confundiu um aposentado de 80 anos com um estuprador foragido. O homem foi levado à delegacia e lá permaneceu cerca de 10 horas até sua liberação. Segundo a filha do aposentado, “eles se parecem, mas o homem é branco, e meu pai é pardo”, também não compartilham dados pessoais e nome. Em resposta à reportagem da UOL, a Secretaria Municipal de Segurança Urbana (SMSU) ainda crê na eficiência da tecnologia e que “ninguém foi preso por equívoco após reconhecimento facial”, o fato ocorreu pois não foi possível confirmar a identidade do aposentado⁹¹ (ARAÚJO, VESPA, 2024). Silva critica a lógica que rege o engano ocorrido no caso estadunidense e no brasileiro:

Um policial que confia mais no sistema algorítmico do que nos próprios olhos face a face com um suspeito que tenha sido vítima de falso positivo no reconhecimento facial representa uma das materializações mais loquazes da interface entre racismo e tecnochauvinismo. A diluição da responsabilidade que se verifica na atribuição à tecnologia de agência sobre decisões relacionadas a abordagem, identificação, tipificação ou condenação, por meio de dispositivos como reconhecimento facial,

⁹¹ Esse caso não foi tratado por Tarcízio Silva em sua obra, entretanto, foi aqui explorado para elucidar os conceitos do autor.

policiamento preditivo e escores de risco, é um dos maiores perigos do racismo algorítmico. (SILVA, 2022, p. 112-113)

Os sistemas de Inteligência Artificial usados nos três países, Israel, Estados Unidos e Brasil, compartilham lógicas similares, mas são, sobretudo, tecnologias alimentadas pela manifestação de um racismo estruturado e de práticas de extermínio. Trata-se de produzir o “racismo de Estado”⁹² através do algoritmo sob o argumento do policiamento preditivo⁹³. O julgamento por meio dos sentidos humanos já não tem tanta credibilidade quanto a condenação produzida pela Inteligência Artificial. Ela torna-se, então, a maior ferramenta para restringir espaços de circulação, definir encarceramentos, acusar injustamente, redistribuir o luto e exterminar certos corpos.

Da metástase ao racismo

Apesar das discussões sobre Inteligência Artificial terem se intensificado nos últimos anos, Jean Baudrillard já havia feito críticas a sua utilização em sua obra de 1990⁹⁴ *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos* (1996). No livro, Baudrillard descreve como um “processo viral” o que ocorre nas sociedades capitalistas no final do século XX, uma “metástase” que promove a diluição da essência dos fenômenos, ou seja, o excesso banaliza-os. Segundo o filósofo, esse processo é visível e se inicia pela sexualidade.

Aqui começa a ordem, ou a desordem metastática, de demultiplicação por contiguidade, de proliferação cancerosa (que já não obedece nem ao código genético do valor). Esmaece então de certa forma em todos os domínios a grande aventura da sexualidade, dos seres sexuados – em

⁹²O conceito de racismo de Estado pertence ao filósofo Michel Foucault e foi aqui explorado para coadunar com as teses de Tarcízio Silva. Por racismo de Estado, pode-se compreender como: “um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios elementos, sobre seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (FOUCAULT, 2005, p. 73). Foucault trata do racismo de Estado como uma segregação que ocorre sob a égide do mesmo Estado, que atribui diferentes “valores” a seus corpos. Assim, embora todos compartilhem algo específico – estar sob a égide daquele Estado –, Foucault observa que há vidas que são julgadas mais importantes do que outras.

⁹³ Silva define policiamento preditivo como: “alocação de recursos humanos – como rondas e busca por comportamentos suspeitos – e materiais-tecnológicos, como câmeras de vigilância, para direcionar a vigilância proativa sobre espaços em que certos índices de criminalidade foram medidos a partir de séries históricas” (SILVA, 2022, p. 117)

⁹⁴Embora o texto original de Jean Baudrillard tenha sua publicação datada no ano de 1990, a tradução para o português feita por Estela dos Santos Abreu e publicada em 1996 foi utilizada neste artigo.

proveito do estádio anterior dos seres imortais e assexuados, reproduzindo-se como os protozoários, por simples divisão do Mesmo e declinação do código. Os seres tecnológicos atuais, as máquinas, os clones, as próteses, todos eles tendem para esse tipo de reprodução e, lentamente, induzem o mesmo processo nos seres chamados humanos e sexuados. (BAUDRILLARD, 1996, p. 13)

Para Baudrillard, é por uma liberação da essência do sexual que ocorre essa dessexualização da reprodução. Essa desordem metastática prolifera a sexualidade até saturar e torná-la seu próprio inverso. É por tudo ter sexo que ele se dessexualiza. O filósofo prossegue e esclarece suas afirmações:

Na época da liberação sexual, a palavra de ordem foi “o máximo de sexualidade com o mínimo de reprodução”. Hoje, o sonho de uma sociedade clônica seria o inverso: o máximo de reprodução com o mínimo possível de sexo. Outrora o corpo foi metáfora da alma; depois foi a metáfora do sexo; hoje já não é mais metáfora de coisa nenhuma. É o lugar da metástase, do encadeamento maquínico de todos os seus processos, de uma programação infinita sem organização simbólica, sem objetivo transcendente, na pura promiscuidade consigo mesmo, que é também a das redes e dos circuitos integrados (BAUDRILLARD, 1996, p. 13)

Assim, o corpo passa a se relacionar tão somente consigo mesmo, ausente de um outro, tal como não desejasse aquilo que não é si mesmo. Se o desejo e a sexualidade estão em todo o real, logo estão na relação do sujeito consigo mesmo, portanto, não se faz mais necessário o outro⁹⁵. Seu desejo se concentra naquilo que fez a sua imagem e semelhança: a máquina, o computador, a tecnologia. Sua reprodução, agora assexuada, é com a máquina. A sua relação consigo mesmo é, portanto, entre humano e máquina. Não há sexo, mas há reprodução e o nascimento de mais um mesmo⁹⁶, idêntico. No ensaio “*O computador disse “não” ou o apagamento do humano*” (2022), de autoria de Alan Cholodenko e tradução para o português de Adriano Carvalho Araújo e Sousa, que aborda, por meio de Baudrillard e outros

⁹⁵ Baudrillard não se posiciona a favor de uma “aura” desses fenômenos, como se os tornasse uma experiência única e, quiçá, sagrada. Mas pontua como o capitalismo subverteu categoricamente seus conceitos, a favor da reprodutibilidade de suas engrenagens.

⁹⁶ Baudrillard recorre a Susan Sontag em sua analogia sobre reprodução: “O surpreendente é a obesidade de todos os sistemas atuais, essa “gravidez diabólica”, como diz Susan Sontag, do câncer, que é a de nossos dispositivos de informação, de comunicação, de memória, de armazenamento, de produção e destruição, tão pletóricos, que têm de antemão a garantia de já não servirem” (BAUDRILLARD, 1996, p. 39). Apesar de o objeto de estudo não ser a superprodução de dados digitais, vale a citação do filósofo para ilustrar sua tese sobre a reprodução com a máquina.

autores, a autonomia atribuída aos computadores e como a função de mecanismo ganha um papel que beira a subjetividade, o autor usa a expressão “novo casal” para se referir ao relacionamento entre ser humano e máquina: “agora, o ‘humano’ forma um circuito integrado com seu computador o que eu chamo de ‘novo casal’” (CHOLODENKO, 2022, p. 14). Se antes lhe servia de auxílio, agora inverte as funções; torna-se coadjuvante da técnica e a humanidade passa a imitar o trajeto maquínico – coadunar, em 20 segundos de análise, com a decisão da Inteligência Artificial em exterminar um indivíduo, como os relatos de Israel, ou recusar-se a crer nas alegações consistente de um ser humano em função da credibilidade do computador, como o que ocorreu com as prisões nos Estados Unidos e no Brasil. A metástase e o processo viral, explicados por Baudrillard, contaminam não apenas o sexo, como também o próprio conceito de humanidade. O que é humano expande-se rumo às tecnologias até perder sua própria humanidade ou, como explica o filósofo, “tudo do ser humano, seu corpo biológico, mental, muscular, cerebral, flutua em torno dele na forma de próteses mecânicas ou informáticas” (BAUDRILLARD, 1996, p. 37). Se o computador é inteligente e pode categorizar todos os conceitos – e exterminar pessoas –, tarefas anteriormente dependentes do discernimento humano, a própria ideia de humanidade é infectada e diluída. Se se atribui à máquina tarefas que requerem consciência, caráter que, ao longo da história da filosofia, foi majoritariamente limitado ao ser humano, então definir a humanidade torna-se ambíguo. Embora não compartilhe, ao longo do artigo, de todas as convicções de Baudrillard, Cholodenko coaduna com o filósofo nessa perda de pódio do humano para a máquina:

Na medida em que modela o humano, torna o humano uma máquina de computar, de calcular, na verdade, transforma o humano em “humano” no sentido de imitar o computador, que deve computar e calcular tudo, que deve contar e ser um contador de tudo. E mais. Responsabilizável (*accountable*) por tudo, deve certificar, garantir e assegurar tudo. O modelo do computador que modela o computador-humano (ou organismo cibernético, ou simplesmente, ciborgue) não apenas privilegia, mas totaliza quantificação e computação (CHOLODENKO, 2022, p. 10)

Dessa maneira, a Inteligência Artificial nasce como produto dessa relação entre ser humano e máquina. Criação da própria humanidade, passa, como o vírus e a metástase descritos, a contaminá-la até o ponto de não ser somente uma técnica, uma criação humana, mas um sistema avaliado por parte da sociedade como autônomo, eficiente e consciente. Sobre essa elevação da utilidade da Inteligência Artificial, Baudrillard produz sua crítica:

A inteligência artificial é sem inteligência, porque não tem artifício. O verdadeiro artifício é o do corpo na paixão, o do signo na sedução, da ambivalência nos gestos, da elipse na linguagem, da máscara no rosto, da tirada que altera o sentido, e que por esse motivo é chamada tirada inteligente. As máquinas inteligentes são artificiais apenas no sentido mais pobre, o que consiste em decompor em seus elementos mais simples as operações de linguagem, de sexo, de saber, de os digitaliza-los para os ressintetizar segundo modelos. Gerar todas as possibilidades de um programa ou de um objeto em potência. Ora, o artifício nada tem que ver com o que *gera*, mas sim com o que *altera* a realidade (BAUDRILLARD, 1996, p. 60)

Ainda que Baudrillard seja enfático sobre seu repúdio ao uso da Inteligência Artificial, suas considerações são válidas sobre como o mecanismo distancia o ser humano de sua própria humanidade, ou seja, de outros corpos, do sexo, dos contextos, da variabilidade da linguagem e da diversidade de sensibilidades, por vezes sutis. A Inteligência Artificial pode ser interpretada, conforme Baudrillard, como mais uma desordem metastática que contamina as relações, pois “todas as nossas máquinas são telas, e a interatividade dos homens transformou-se na das telas” (BAUDRILLARD, 1996, 62).

Entretanto, o filósofo reconhece que a máquina depende do humano: “a máquina faz o que o homem quer que ela faça, mas, em compensação, ele só executa o que a máquina está programada para fazer” (BAUDRILLARD, 1996, 64). Tarcízio Silva, embora não cite Baudrillard, alerta sobre essa relação de “independência maquínica”, mas que é alimentada por condições sociais anteriores à própria existência da máquina:

Os sistemas algorítmicos tomam decisões por nós e sobre nós com frequência cada vez maior. Essas decisões trazem impactos em diferentes níveis de imediaticidade e sutileza, podendo modular o comportamento e

as condutas de seus usuários de forma discreta, na maioria dos casos para reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade (SILVA, 2022, p. 61)

A máquina faz aquilo que lhe é proposto para fazer. E quem lhe propõe é um ser humano, já carregado historicamente com violência. Entretanto, como alertou Tarcízio Silva sobre os equívocos no reconhecimento facial e Franco Berardi, +972 Magazine e o Local Call sobre a “desumanização do extermínio”, a Inteligência Artificial é passível de falhas – reconhecidas pelos seus defensores. Franco Berardi leva ao ápice a hipótese da falha: e se o *software* reconhecer como alvo um semelhante àquele que o projeta ou que o controla? Ou seja, e se *Lavender* reconhecer como palestino um civil israelense? E se as arquiteturas que abrigam supostos terroristas forem, na verdade, construções israelenses? Bifo explica:

Quando escrevo *quem for semelhante a ele*, quero me referir ao fato de que os cálculos e deduções dos quais um cérebro artificial é capaz podem se tornar imprevisíveis para nós, incompreensíveis porque a velocidade de processamento do autômato o leva a conclusões e decisões que nós, em virtude de nossa lentidão, não somos preparados a elaborar nem a compreender (BERARDI, 2025, p. 166)

(...)

A coisa mais preocupante é justamente essa: durante o desenvolvimento desses programas linguísticos generativos, alguns engenheiros revelaram não ser capazes de explicar os passos lógico-operacionais realizados pela máquina com base nas instruções de que ela dispunha e no desenvolvimento autônomo dessas instruções (BERARDI, 2025, 167)

As preocupações de Bifo coincidem com a crítica de Baudrillard. Para ambos, a autonomia dada aos mecanismos produz uma substituição à humanidade – enquanto condição de *ser*, como verbo infinitivo, humano – por uma operação que torna o pensamento, o discernimento, as emoções e, por fim, o assassinato eventos linguísticos e algorítmicos. Não há apreensão da realidade como um fluxo contínuo e singular, que visualize não alvos, mas complexos de subjetividade. Não há para essa lógica de Inteligência Artificial um *poder ser* dos sujeitos e das relações entre si, do reconhecimento das consciências, afinal, se ela não é consciente, não saberá quem o será. Novamente, o corpo do sujeito dá lugar ao corpo do cadáver, numerado, digitalizado, mas que ocupa um lugar inerte e em decomposição no espaço.

Considerações finais: o projeto da dessensibilização

Na edição brasileira da obra de Franco Berardi aqui utilizada, há, como introdução, o texto apresentado como palestra na aula magna do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 03 de abril de 2024, pelo professor Vladimir Safatle. Nele, Safatle aborda como o extermínio executado na Faixa de Gaza é um exemplo de condição para considerar que o pensamento está situado a partir de algum lugar, o que leva, dada a questão da palestina, a pensar as formas e a necessidade da filosofia enquanto uma resistência ao genocídio. Assim, Safatle traz a ideia de dessensibilização, um processo de abstração e negação das subjetividades palestinas. Vladimir Safatle parte da visualização aérea da destruição da rua Al Rachid, em Gaza, onde mais de cem palestinos foram mortos pelas forças israelenses. O extermínio, para Safatle, dá-se duas vezes: pelo fim de suas vidas e pela dessensibilização. Segundo o filósofo:

No entanto, esse massacre ocorreu duas vezes. A primeira, através da eliminação física de uma população reduzida a condição de massa faminta, lutando pela sobrevivência física. A segunda através dessas imagens. O documento visual que atravessou o mundo foi a redução dessa população a pontos em movimento, marcados como se marca um alvo em um jogo de videogame. A perspectiva não é a perspectiva humana dos corpos que caem. Ela é a perspectiva fria do drone que faz dos corpos entidades indiscerníveis, pontos em movimentos, manchas em uma tela. O que valeu como documento era uma imagem cirúrgica, dessensibilizada, da perspectiva do drone, mas da perspectiva do drone essas pessoas já estavam mortas. Elas eram pontos e nada mais. Esse foi o segundo massacre, o massacre simbólico, talvez ainda mais intolerável que o primeiro, pois é a expressão da redução do humano a um limiar entre o nada e o alguma coisa, redução a um ponto (SAFATLE, 2025, p. 14).

Ao redigir o texto para a palestra, Safatle não teve contato ainda às matérias dos jornais israelenses que denunciavam o abuso da Inteligência Artificial no genocídio em Gaza, publicadas quase um ano mais tarde que a sua aula foi ministrada. Ainda assim essa tecnologia reduz *o que é ser palestino* a um alvo que bastava ser atingido. Se não forem pontos, seus corpos são números, linhas ou formas geométricas: nada de humano, mas abstrações matemáticas superficialmente

estabelecidas. Da mesma forma, como Tarcizio Silva trata, os copos negros que o reconhecimento facial atribui como nocivos e potencialmente violentos – mesmo “antes de cometerem o crime” –, são tão somente classificados a partir da frequência de ondas eletromagnéticas com as quais são visualizadas e, portanto, para a ferramenta do reconhecimento facial, julgadas próprias para o extermínio ou para o encarceramento. Em outras palavras, a negritude é reduzida à cor, não enquanto sua condição de identidade e construção cultural, mas sim à abstração física que os mecanismos de Inteligência Artificial categorizam para, assim, poder subjugar-la.

O projeto da dessensibilização do racismo é a abolição da humanidade e do sujeito negro e palestino. Trata-se, novamente, da abstração dessas propriedades do real que esses corpos apresentam para, então, consumir sua condenação. Por sensibilidade, não se trata somente de abordar como seu luto é ou não é comovente. Mas sim sobre eliminar a possibilidade de experiência da realidade que essas pessoas tiveram ou teriam. Afinal, sob a égide dessa tecnocracia, não há pessoas, emoções, possibilidades, devires: mas somente pontos, números, ondas eletromagnéticas que devem desaparecer da trama lógica desses *softwares*, os quais cumprem os programas de extermínio do racismo e do colonialismo. Se dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, então que não seja o corpo de um sujeito, mas sim de um cadáver.

* * *

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Yuval. ‘A mass assassination factory’: Inside Israel’s calculated bombing of Gaza. **+972 Magazine**, 30 de nov. 2023. Disponível em <<https://www.972mag.com/mass-assassination-factory-israel-calculated-bombing-gaza/>> Acesso em 28 de mai. 2025.

_____. ‘Lavender’: The AI machine directing Israel’s bombing spree in Gaza. **+972 Magazine**, 3 de abri. 2024. Disponível em <<https://www.972mag.com/lavender-ai-israeli-army-gaza/>> Acesso em 28 de mai. 2025.

ARAÚJO, Mateus. VESPA, Talyta. Reconhecimento facial de SP confunde idoso com estuproador foragido. **UOL Notícias**, 13 de abr. 2025. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2025/04/13/reconhecimento-facial-de-sp-confunde-idoso-com-estuproador-foragido.htm>> Acesso em 28 de mai. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1996.

BERARDI, Franco. **Pensar após Gaza: ensaio sobre a ferocidade e o fim do humano**. Trad. Davi Pessoa. São Paulo: n-1 edições, 2025.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **IA para o bem de todos**. 2024. Disponível em: < https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/cct/legislacao/arquivos/IA_para_o_Bem_de_Todos.pdf> Acesso em 28 de mai. 2025.

CHOLODENKO, Alan. “O Computador Disse Não” ou O Apagamento do Humano . **Lumina**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 4–27. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/37688>> Acesso em: 28 maio. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GLOBO. Israel usou IA para definir 37 mil alvos, com cálculo de 'permissão prévia' de morte de civis, diz investigação. **O Globo**, 4 de abr. 2024. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/04/04/israel-usou-ia-para-definir-37-mil-alvos-com-calculo-de-permissao-previa-de-morte-de-civis-diz-investigacao.ghtml>> Acesso em 28 de mai. 2025.

GOODFRIEND, Sophia. Why human agency is still central to Israel’s AI-powered warfare. **+972 Magazine**, 25 de abr. 2024. Disponível em < <https://www.972mag.com/israel-gaza-lavender-ai-human-agency/>> Acesso em 28 de mai. 2025.

ISRAEL. Ministry of Innovation, Science and Technology. **Israel's Policy on Artificial Intelligence Regulation and Ethics**. 2023. Disponível em < https://www.gov.il/BlobFolder/policy/ai_2023/en/Israels%20AI%20Policy%202023.pdf> Acesso em 28 de mai. 2025.

JOHN, Tara. Israel is using artificial intelligence to help pick bombing targets in Gaza, report says. **CNN Brasil**, 3 de abr. 2024. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2024/04/03/middleeast/israel-gaza-artificial-intelligence-bombing-intl/index.html>> Acesso em 28 de mai. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROMMEN, Rebecca. Israel's 'Where's Daddy?' AI system helps target suspected Hamas militants when they're at home with their families, report says. **Yahoo! News**, 7 de abr. 2024. Disponível em <<https://www.yahoo.com/news/israels-wheres-daddy-ai-system-093311866.html>> Acesso em 28 de mai. 2025.

SAFATLE, Vladimir. **Desumanização, trauma e a filosofia como freio de emergência**. In: BERARDI, Franco. **Pensar após Gaza: ensaio sobre a ferocidade e o fim do humano**. São Paulo: n-1 edições, 2025.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: Inteligência Artificial e a discriminação nas redes digitais.** São Paulo: Edições Sesc, 2022.

WE'RE focused on maximum damage': ground offensive into Gaza seems imminent. **The Guardian**, 10 de out. 2023. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2023/oct/10/right-now-it-is-one-day-at-a-time-life-on-israels-frontline-with-gaza>> Acesso em 28 de mai. 2025

Recebido 06/02/2025

Aprovado

29/08/2025

Licença CC BY-NC 4.0

